

Conversas sobre participação para ensino sobre o desenho do espaço público

ST5: Processos formativos sobre a paisagem

Autoras Flora Monte Alegre Olmos Fernandez

Vera Regina Tângari

RESUMO

Esse artigo apresenta parte das discussões desenvolvidas na tese “Em processo, caminhos de escuta e participação no desenho do espaço livre público” (Fernandez, 2023), apresentando reflexões sobre a participação com base em conversas realizadas no período de doutorado sanduíche. Tem como objetivo discutir sobre a incorporação de práticas participativas no ensino de Arquitetura e Urbanismo para propiciar processos mais sensíveis, que acolham e reconheçam grupos que muitas vezes são invisibilizados no processo de produção da cidade. Como referencial teórico apresento parte das discussões sobre como incorporar a escuta e participação nos processos de ensino com base em Paulo Freire, bell hooks, Sueli Carneiro e Christian Dunker. Seguindo uma abordagem experiencial foram realizadas conversas sobre experiências pessoais para discutir motivações, aprendizados, dificuldades e potencialidades no desenvolvimento de processos participativos. Assim foram realizadas conversas individuais com 7 professores e profissionais que incorporam participação em suas práticas contribuindo com reflexões potentes para incorporar práticas de escuta e participação no ensino de arquitetura e urbanismo.

PALAVRAS-CHAVE: participação; espaço livre público, ensino.

ABSTRACT

This article presents part of the discussions developed in the thesis “In process, paths of listening and participation in the design of public open space”, presenting reflections on participation based on conversations held during the sandwich doctorate period. Its objective is to discuss the incorporation of participatory practices in the teaching of Architecture and Urbanism to promote more sensitive processes that welcome and recognize groups that are often invisible in the process of city production. As a theoretical reference, I present part of the discussions on how to incorporate listening and participation in teaching processes based on Paulo Freire, bell hooks, Sueli Carneiro, and Christian Dunker. According to an experiential approach, conversations about personal experiences are used to discuss motivations, learning, difficulties, and potentialities in the development of participatory processes. Thus, individual conversations were held with seven teachers and professionals who incorporate participation into their practices, contributing powerful reflections for incorporating listening and participation practices into teaching.

KEYWORDS: participation, open public spaces; teaching.

1 INTRODUÇÃO

A violência, desigualdade social são problemas que se intensificam em grandes centros urbanos, colocando a segurança como umas das maiores demandas sociais. Hannah Arendt (1994) relaciona a violência com a impossibilidade de escuta, no uso da força e opressão para o silenciamento e na ausência de ferramentas para colocar em palavras o



que se deseja, sente numa frustração com uma impossibilidade de controlar o outro. Os condomínios fechados reforçam uma segregação espacial (Souza, 2008) e são uma resposta numa tentativa de controle da violência, através de uma imposição de uma barreira física impedindo ainda mais qualquer possibilidade de conversa.

Diante disso coloco a questão de qual nossa implicação nas formas de produzir a cidade? Como o desenho da cidade pode produzir silenciamentos, tanto com as propostas, como nas formas de produção? Segundo Capel (2013), o reconhecimento dos atores sociais (como crianças, de idosos e de grupos raciais entre outros) não necessariamente se reflete na capacidade de reivindicar suas demandas e sua capacidade de agência dos mesmos na construção da paisagem.

Com essas questões e as minhas experiências durante o mestrado me direcionou a pensar na participação e escuta como forma de escutar vozes normalmente silenciadas, que sofrem recorrentes violências simbólicas e físicas por consequência. Nos processos que participei pude identificar algumas dificuldades, limitações e potencialidades que me direcionou a enfrentar as questões de como incorporar a escuta e participação em situações de vulnerabilidade social. Poder testemunhar e escutar a partir das atividades do grupo de pesquisa Sistemas de Espaços Livres do Rio de Janeiro (SEL-RJ) e Grupo Ambiente e Educação, e outros encontros e participação no desenvolvimento da tese intitulada “Em processo... caminhos de escuta e participação no desenho do espaço livre público” (Fernandez, 2023), direcionaram a também pensar no ensino, entendendo que as experiências que tive estiveram relacionadas à tríade ensino pesquisa e extensão. Também considero a dimensão de que a formação tem um papel importantes em transformações culturais. No entanto formas de ensino convencionais que seguem modelo de ensino bancário (Paulo Freire, 1987), muitas vezes não contribuem para o aprendizado da escuta e participação, e respondem aos paradigmas da obediência, produção e competição alienando para as opressões nas relações de poder no trabalho.

As experiências com os grupos de pesquisa SEL-RJ e GAE foram norteadoras para a fundamentação teórica e metodológica. Nesse artigo reúno fragmentos da tese (Fernandez, 2023) contendo algumas reflexões de educadores que buscam atuações que possam conduzir a uma justiça social, reconhecendo grupos que normalmente são oprimidos encaminhando contribuição no ensino de escuta e participação. Na continuação contextualizo os caminhos de pesquisa que direcionaram para as conversas com profissionais que incorporam a participação nas suas práticas profissionais e de ensino realizadas no período de doutorado sanduiche. Buscando investigar: Como é possível incorporar no ensino questões sobre escuta e participação no âmbito acadêmico? O que motiva a uma postura mais participativa e de escuta para criação de ambientes para coexistência da diversidade?

2 Ensino para escuta e participação

Nos capítulos dos referencias teóricos da tese (Fernandez, 2023) citada anteriormente discuti sobre os espaços livres, violência, escuta e participação trazendo aproximações dos temas discutidos com o campo do ensino. Nesse artigo apresento partes das discussões que se aproximam da questão de com incorporar no ensino práticas de escuta

e participação. Ressaltando a importância do aprendizado na práxis, o pensamento crítico e criação de espaços de partilha no ensino.

Durante a pesquisa foi se mostrando a importância de pensar o aprendizado sobre os processos de produção dos espaços livres, a escuta e participação no campo do fazer além do campo teórico, mas também não um fazer sem reflexão sobre as práticas produzidas. Nesse sentido a práxis é um modo de fazer que “(...) implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.” (FREIRE, 1987, p.38). A ação e reflexão não se dão somente em etapas distintas, também ocorrem simultaneamente. Da mesma forma, “os saberes práticos são os que não se dissociam meios e fins, nem agente, nem o paciente da ação.” (DUNKER, 2020, p. 126)

Assim, o aprendizado se dá na prática e na reflexão sobre ela. Dessa forma, a formação e atuação profissional se entrelaçam, o que nos direciona a pensar como o processo de ensino está refletindo na atuação profissional? Quais são as implicações do que vem se produzindo enquanto arquitetura? Como está contribuindo para o desenvolvimento de processos mais justos que escutem as partes envolvidas? São muitas questões que podem surgir, que não estão postas aqui no intuito de responder neste artigo, mas como forma de apontar na importância de reflexão sobre esse entrelaçamento das reflexões a partir das experiências vivenciadas em campo. Reforçando que o pensamento crítico se dá na vivência plena da práxis.

Nesse caminho, Paulo Freire (1987) indica que o papel da pedagogia seria criar espaços para reflexão dos oprimidos sobre a opressão e as suas causas para assim poder se engajar na luta por se libertar. Esse engajamento também pode ser ampliado para a forma de se ler, colocar e atuar em relação ao outro buscando outras formas de relação que não se fundem na opressão. O pensamento crítico direciona para uma inconformidade em reconhecer as coisas como são e questionar o que está cristalizado.

Contribuindo para as discussões de como incorporar um pensamento crítico, no livro “*Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*”, bell hooks (2020) apresenta 32 ensinamentos, a partir de suas experiências de vida e no campo acadêmico. Neles traz valores e posturas considerando as questões raciais e de gênero na busca de caminhos para superar as injustiças. Nesse sentido, mostra a necessidade de considerar a integridade, em que possam fazer parte do processo o corpo e emoções e desejos, destacando a potência de sentimentos como a alegria e a atração como possibilidade de criar uma conexão, um campo favorável à comunhão e colaboração.

A dimensão holística para o ensino, apresentada por bell hooks (2020) demanda uma atuação crítica que considere o campo enquanto sistema transdisciplinar. Essa quebra de fronteiras entre disciplinas também se direciona para as diferenças de poder em que a autora levanta a questão a respeito do engajamento e participação dos grupos dominantes na busca da emancipação dos grupos dominados:

(...) Se realmente queremos criar uma atmosfera cultural em que os preconceitos possam ser questionados e modificados, todos os atos de cruzar a fronteiras devem ser vistos como válidos e legítimos. Isso não significa que não sejam sujeitos a críticas ou questionamentos críticos, ou que não haja muitas ocasiões em que a entrada dos poderosos nos territórios dos impotentes serve para perpetuar as estruturas existentes. Esse risco é menos ameaçador que o apego e o apoio contínuos aos sistemas de

dominação existentes, particularmente na medida que afetam o ensino, como ensinamos e o que ensinamos. (hooks, 2017, p. 175)

Outro ensinamento de Paulo Freire é o entendimento em que, ao mesmo tempo, ninguém aprende sozinho e ninguém ensina ninguém, mas afirmar que é no encontro que se torna possível o aprendizado. O autor destaca a dimensão do encontro e da troca, considerando os mundos de cada um (1987). Sueli Carneiro (2023) destaca que, para além de uma dimensão individual, em que alguns conseguem romper as fronteiras estabelecidas pela raça e ascender socialmente, deve se considerar a possibilidade de “construção de sujeitos coletivos libertos dos processos de subjugação e subalternização”. Assim, a autora destaca a dimensão de cuidado de si e cuidado do outro na busca por emancipação coletiva.

No sentido da dimensão gregária, *bell hooks* apresenta alguns valores e posturas que favorecem cooperação e a formação da comunidade, que passam pelo reconhecimento das pelas relações de poder, e pelos afetos. A troca de experiências e o compartilhamento de histórias contribuem com a criação uma atmosfera de cooperação. Ao se exporem as vulnerabilidades e se cria um campo onde é possível se pôr em risco. A autora finaliza o livro ensinando uma pedagogia da esperança com a seguinte frase:

A cultura do dominador tentou alimentar o medo em nós, tentou nos fazer escolher a segurança em vez do risco, a semelhança em vez da diversidade. Deslocar-se nesse medo, descobrir o que nos conecta, nos divertir com nossas diferenças; esse é o processo que nos aproxima, que nos oferece um mundo de valores compartilhados, de uma comunidade significativa. (hooks, 2021, p 293)

As questões apresentadas mostram a importância de trazer as reflexões sobre escuta e participação para a prática no campo do ensino e projeto dos espaços públicos, tendo em vista a importância de uma formação crítica que questione as dinâmicas sociais e relações de poder que integre prática/reflexão, corpo/mente. Debateram também sobre como estabelecer relações mais cooperativas e justas. O processo de aprendizagem não se limita ao período de formação. No entanto, considerar valores e posturas e disposições favoráveis para práticas de escuta e participativas no campo ensino é fundamental para possibilitar um processo de transformação que vise dinâmicas e processos mais inclusivos. Também cabe pontuar que em processos que incluem a experimentação demandam uma série de cuidados para que experiência não se configure numa relação de uso, em que os participantes são feitos de cobaia.

Caminhos da pesquisa

No doutorado segui uma abordagem experiencial. envolvendo acompanhar processos participativos desenvolvidos no âmbito dos grupos de pesquisa SEL-RJ e GAE para discutir sobre escuta e participação, e no âmbito da Extensão universitária, uma das questões se relacionava com o processo de aprendizagem e como introduzir dinâmicas participativas no ensino. As discussões apresentadas no referencial teórico foram desenvolvidas depois das conversas realizadas em Nova Iorque e visam complementar, reforçar tanto a coerência com o entendimento do aprendizado a partir da práxis, princípio que percorre todo o trabalho, apesar de isso se afirmar a posteriori, a partir das leituras de bell hooks e Paulo Freire. Assim as atividades desenvolvidas nesse artigo complementam as

discussões trazendo reflexões sobre práticas de intervenção urbana e no campo do ensino de Arquitetura e Urbanismo.

Em experiência do mestrado tive a oportunidade de conhecer o professor Miodrag Mitrasinovic e marcada pelo encontro, posteriormente, querer realizar um período de doutorado sanduiche com ele de orientador. Suas colaborações durante o Workshop Internacional de projeto do Território educativo em Tubiacanga, foram muito significativas, entendendo que ainda poderia colaborar muito com a pesquisa que estava desenvolvendo.

Logo antes do início da pandemia tive a bolsa de doutorado sanduiche CAPES Print aprovada, e com a pandemia o processo de ida para Nova lorque foi adiado para logo em seguida da liberação para vacina da Covid. A viagem foi realizada de setembro de 2021 a fevereiro de 2022. Nesse período, as atividades começaram a voltar ocorrer de modo presencial, ainda com muitos receios e protocolos sanitários. As aulas que participei ocorreram majoritariamente de forma online, com somente visitas de campo em espaços livres. Dessa forma os caminhos de pesquisa não foram como inicialmente pensados de acompanhar processos participativos em Nova lorque. Nos encontros com o Miodrag, conversamos sobre as dificuldades éticas e sanitárias de seguir com a proposta original que seria de acompanhar algum processo participativo em Nova lorque. Assim, decidimos que o desenvolvimento da pesquisa consistiria em realizar conversas com professores e profissionais que incorporam a participação nas suas práticas profissionais e de ensino.

Tendo isso em vista, a pesquisa as questões que surgiram para ser desenvolvidas durante o período se direcionaram para a escuta e participação no campo acadêmico. Seguindo uma abordagem nas conversas com viés experiencial. Para essa investigação foram escolhidos três eixos temáticos para condução dos encontros foram estabelecidas com base nas experiências pessoais seguindo três eixos de perguntas:

- EIXO1: quais circunstâncias e memórias que foram significativas para direcionar/ motivar a atuação profissional para questões relativas à participação?.
- EIXO2: como a participação é incorporada na vida profissional destacando aprendizagens, dificuldades e potencialidades que identificaram através da própria experiência?
- EIXO 3: como abordar as questões relativas à participação em sala de aula?

Com as questões propostas tinha o objetivo de refletir sobre o que levou cada um a se direcionar para uma abordagem participativa, também discutir sobre as potências e dificuldades encontradas tanto na prática profissional como no ensino. Sobre esses eixos pensei em diversas questões para servirem como base, caso a conversa não fluísse. Segui um modo de aplicação em todas as entrevistas em que apresentava os objetivos da pesquisa e os três eixos. E a partir dessa estrutura, iniciava a conversa direcionando para primeiro eixo. No entanto, ao longo das conversas muitas vezes os três eixos se misturavam.

As entrevistas realizadas durante o estágio sanduíche foram gravadas e, com ajuda de um aplicativo, realizei uma transcrição preliminar. Para a escrita a respeito das entrevistas as revisei os áudios algumas vezes. Essa volta me permitiu ampliar a compreensão do que foi dito sem o nervosismo que senti durante o processo das entrevistas, por mais que buscasse manter uma atenção plena a dificuldade de estar diante de uma outra língua me



deixou insegura quanto a minha capacidade de absorver ao máximo do que foi dito. Ao retornar, percebi que mesmo permanecendo a essência da conversa, pude complementar com muitos outros aspectos com a possibilidade de escutar mais de uma vez.

A primeira conversa que realizei foi por telefone com Ana Fisyak, a pandemia não só nos colocou diante a um risco, mas também possibilitou, até saturar, formas virtuais de encontro dessa forma na primeira entrevista so pude contar com o áudio. O segundo encontro foi com Brian McGrath, no tempo de seu almoço, antes de uma aula que daria. Com Evren Uzer tive dois encontros, no primeiro, no campus da The New School, foi como um desabafo meu, nas minhas dificuldades de lidar com o tanto de elementos das experiências ao longo do doutorado, no Rio de Janeiro e o segundo foi realizado em um parque onde ela pode compartilhar suas experiências. A conversa com Gabriela Rendón também foi realizada em parque. Já o encontro com Ana Baptista e com Jilly Traganou foram realizados via Zoom. Com Jeanne Dupont e Mike Harrington os encontros foram em seus espaços de trabalho e pesquisa. Comento isso por aqui para ressaltar que as diferenças de contextos dos encontros também afetaram o andamento das conversas.

Conversas sobre participação e escuta¹

As conversas realizadas ao longo do Doutorado Sanduíche propiciaram momentos ricos de escuta, em que a presença dos ruídos provocados, principalmente pelas minhas dificuldades em me comunicar em inglês, exigiu mais atenção e entrega mútua, com limites na possibilidade de troca. Na maior parte do tempo me senti acolhida e escutada e interessada em saber sobre cada um deles, que compartilharam suas experiências nesse processo de investigação sobre processos participativos. Cada encontro seguiu um rumo diferente, onde não contava só as singularidades de cada um, mas também os contextos de cada encontro. Acredito que ao apresentar os três eixos de pergunta no começo contribuiu para que eles pudessem falar livremente, sem ter minha interrupção a cada momento. No caminho fiz algumas questões que surgiram a respeito de pontos que me chamaram a atenção relativos os relatos sobre suas experiência. Através das quais foi possível acessar outros apontamentos, de forma que a narrativa construída foi balizada pela interação.

Apesar de cada experiência ser única, a questão relativa às memórias de participação em grupos ativistas, rede de amigos, rede de familiares foram apresentadas por todos com quem conversei, cada um a sua maneira, indicando isso como elemento motivador para a atuação no campo participativo. Sendo assim, foi possível sintetizar em experiências apresentadas direcionada ao contraste e vivências comunitárias. O contraste estava presente em quase todas falas sobre as experiências compartilhadas em diferentes formas: por uma ruptura num modo de vida com uma mudança na infância em que as condições para participação e autonomia, por experienciar outra realidade ou pela experiência de um desastre. Essas experiências contrastantes contribuem para ampliar o repertório e possibilitam questionar as formas de vida. Enquanto a atividade comunitária, também vivenciada de diferentes formas: no âmbito familiar, em grupos de amigos, a

1 Para construção desse subitem do texto reuni fragmentos do capítulo “afetações reflexões e entrelaçamentos” da tese (Fernandez, 2023), na qual aproximei as experiências de campo, as conversas com o referencial teórico, buscando sintetizar as aprendizagens ao longo do percurso.



participação em organizações comunitárias e no ativismo, é outra camada que atravessa essas experiências. As vivências em coletivos e a possibilidade do encontro e trocas de ideias também podem contribuir com a abertura na visão de mundo e na valorização da construção coletiva, além de experimentar na prática.

No âmbito das práticas, estas se misturam e contribuem nesse processo motivação, sendo também parte dessa formação de memórias que reforçam a participação / colaboração como princípio na atuação de cada um deles. Com relação aos aprendizados ao longo das práticas foram destacados diversos pontos, passando pela escuta, engajamento, questionamentos sobre as formas de participação, dificuldades relacionadas os tempos e permanências dos processos, como dos custos, financiamentos e relações de poderes entre outros que serão elaborados a seguir.

A escuta apareceu em diversas falas como condição para a relação colaborativa, na qual as conversas para aproximação no nível pessoal das pessoas são fundamentais para estabelecer um vínculo de confiança. Para Mike Harrington a questão da escuta apareceu com destaque, e as perguntas se direcionaram nesse sentido, destacando a necessidade de se colocar como mediador, buscar manter a atenção, respeitando o tempo de fala do outro e utilizando da pergunta para auxiliar na elaboração das questões compartilhadas. Nas falas também foi destacado o processo lento e gradual de construção de uma relação de confiança, em que pequenas devolutivas e encerramentos ao longo do processo, contribuem para fortalecer o sentimento de confiança e para confirmar a implicação dos envolvidos com o processo (principalmente nas falas de Jeanne DuPont e Anna Fisyak).

Com relação à atuação profissional, muitas falas das conversas indicam o lugar enquanto de mediação, dando suporte para possibilitar o desenvolvimento dos projetos relacionados às demandas dos participantes, além do compartilhamento de saberes, para uma construção coletiva do entendimento que algumas questões e decisões dependem de saberes específicos e técnicos, tendo em vista que o conhecimento é poder (Gabriela Rendón).

As conversas corroboraram com o entendimento da importância de criar múltiplas dinâmicas nos processos participativos: arte, entrevistas, jogos e assembleias para compartilhamento de histórias e técnicas de cinema para provocar um deslocamento para favorecer a escuta e partilhamento. São diversas as possibilidades e Ana Baptista atenta ao cuidado de não fetichizar a participação, de não complexificar demais e nem engessar o processo, pois dessa forma dificulta a agência dos participantes no percurso.

A escolha da palavra foi questionada nas conversas, pois o termo participação foi cooptado e não garante o poder de decisão dos participantes, principalmente se não suspender as relações de poder nem se buscar uma mudança estrutural na relação. Mas os participantes se têm esse interesse de participar dessa forma? Desse modo, as professoras Evren Uzer e Gabriela Rendón preferem usar outras formas de se referir à construção coletiva, como colaboração e autogestão, para destacar nos princípios da ação a possibilidade de decidir sobre a dinâmica do processo, o desenvolvimento do projeto e a gestão do espaço, no caso de intervenções urbanas.

No desenvolvimento de processos participativos as relações de poder envolvidas entre os participantes podem silenciar e desautorizar a ação de membros mais vulneráveis. A falta



de ferramentas, conhecimento e confiança em si também afetam a disponibilidade de participação. Assim o interesse e engajamento por participar, e reflexão sobre as formas interagir dependem do encontro de vontades de participar, motivada a entender o que leva as pessoas a se engajarem e desejem enfrentar processos participativos. Também uma possibilidade de troca interpessoal e reflexão e com a possibilidade de ter contato com múltiplas realidades tem um potencial contribuir para formação de um pensamento crítico relativo às experiências de mundo de cada um, e se engajar na atuação profissional participativa.

Complementando a discussão, a falta de engajamento da comunidade relativa a uma situação de desconfiança foi um tema que permeou as conversas. Jeanne DuPont falou do receio com relação à participação de pessoas de fora da comunidade que interferem no envolvimento dos participantes locais. Já Ana Baptista relacionou a falta de engajamento das comunidades em processos participativos desenvolvidos por órgãos governamentais na descrença em que as atividades sejam significativas para a tomada de decisões sobre as intervenções em jogo. Também existem outros fatores a considerar, em um contexto que o trabalho sustento e o tempo gasto com isso não contribuem com a disponibilidade de tempo e de espaço, onde estão todos sobrecarregados não sobra muita para esse tipo de vinculação.

Outro ponto recorrente foi o tempo, que esteve presente nas conversas de muitas formas: o cuidado ao tempo dos participantes, tanto em relação ao uso e desperdício do tempo (Ana Fisyak); como em considerar sua disponibilidade e seu ritmo (Ana Baptista). Com relação aos conflitos dos diversos tempos envolvidos no processo e à continuidade, como seguir depois? (Gabriela Rendón). A relação com o tempo foi uma diferença cultural que me chamou a atenção. Por um lado, traz o cuidado com relação ao valor do tempo do outro, por outro lado, limita o espaço para que o encontro e a conversa possam ocorrer de uma forma mais espontânea para que o tempo se distenda e que seja possível “perder” tempo junto.

O cuidado com o outro e seu tempo conflui na busca de uma postura ética. Sobre o tema, Evren Uzer ressalta que uma postura ética demanda abertura a uma escuta ativa, o cuidado com a linguagem, a humildade. Também inclui as questões de transparência com relação às intenções e devolutivas. Para tanto destacou a importância de preparar os estudantes para terem o devido cuidado na interação com a comunidade. Se queremos que as práticas sejam éticas nos direciona para questões sobre como se aprende escutar? Como podemos incorporar a ser mais participativos para construirmos juntos espaços que potencializem a vida na diversidade?

Atualmente, nos cursos de arquitetura e urbanismo, bem como em outras esferas de ensino a participação e a possibilidade de experimentação nas formas de relação e construção aparecem algumas práticas. No entanto, são minoria e necessitam de espaço de discussão para ampliar repertório de atuação. Nesse sentido, as professoras Gabriela e Evren apontaram que a abordagem dada à participação/colaboração no ensino está sendo insuficiente. As poucas atividades que incorporam as questões relativas ao tema se contrastam com as demais disciplinas. Jeanne Dupont destacou as diferentes abordagens dos professores com a comunidade e valorizou as que promovem maior interação. Por outro lado, Ana Baptista critica a forma fetichizada como a participação é abordada em



curso de políticas públicas, que se desenrolam em processos longos e complexos que desconsideram o tempo dos envolvidos.

Ana Fisyak ressalta que experiência prática é transformativa, possibilita sair de uma zona de conforto e ampliar a visão de mundo. A partir da experiência que se visibilizam problemas e dificuldades comuns, que são específicos de cada situação. No caso apresentado por Gabriela atentou as dificuldades práticas que enfrenta de conciliar os tempos, além de que a estrutura do mercado restringe as possibilidades de seguir atuando dessa forma.

Com essas considerações não é possível aprender sobre escuta e participação sem a prática. Assim, experienciar, errar, refletir sobre os processos e praticar são fundamentais para incorporar os aprendizados. Para isso é importante ter cuidado com todos os envolvidos no preparo dos participantes e nas formas com que os processos serão desenvolvidos por envolver outros sujeitos que devem ser tratados como tal, principalmente quando a interação envolve grupos em situação de maior vulnerabilidade que não podem ser usados na experiência.

Relativamente à abordagem no ensino, foram apontadas questões que também aparecem no campo profissional, como a escuta ativa, a humildade, a ética. Evren tem uma postura cuidadosa com a implementação de práticas colaborativas. Chamou a atenção ao preparo antes de começar as interações, na articulação com a comunidade, na busca de estabelecer uma relação de ajuda mútua e recíproca, mas também no preparo dos estudantes para lidarem com a situação, destacando a atenção à postura ética e ao cuidado com as formas de comunicar. Nesse preparo também destacou a importância de incluir reflexões sobre as relações de poder e os lugares de fala nas disciplinas. Também afirmou que, abrindo espaço para inclusão de diferentes abordagens e formas de aproximação com a comunidade, amplia-se o repertório de dinâmicas e dispositivos para promover uma interação. Esse processo ocorre na aplicação de jogos, que possibilita uma suspensão das dinâmicas de poder, entrevistas e técnicas de cinema, conforme apresentadas por Brian McGrath.

Complementando as próprias experiências, poder conversar para trocar sobre diferentes processos também foi apontado por Evren Uzer como um caminho para seguir no campo do ensino. Neste caminho, a minha experiência relativa às conversas propiciou diversos aprendizados que busco compartilhar na tese e nesse artigo.

Considerações finais

As conversas realizadas ao longo do processo de Doutorado Sanduiche reúnem diversas experiências que reforçam a práxis, tal como apresentada no referencial teórico para o ensino de escuta e participação. Estas são aprendidas na prática com reflexão e desenvolvimento de pensamento crítico relativo as formas de produção, as desigualdades criando uma maior abertura e empatia em relação ao outro. Direcionando para questionamentos sobre as formas de produção e o posicionamento ético e reflexivo em relação a própria atuação. A vivência participativa e os contrastes que provocam deslocamentos e uma percepção críticas foram experiências significativas que motivaram o engajamento em formas de produção participativas e colaborativas.

A partir das práticas e reflexões sobre elas é possível identificar uma série de questões sobre os processos participativos. São muitas as dificuldades para desenvolver processos participativos, algumas derivam do fato de que desviam de uma forma de produção hegemônica de produtividade, aceleração, de forma que dificulta a continuidade no desenvolvimento dessas práticas no mercado, as práticas participativas pelo estado organizadas em assembleias e formas de interação que não consideram o contexto dos participantes não geram um sentimento de confiança. Ainda, no sistema capitalista, e as condições precárias de trabalho o tempo livre necessita ser muito bem administrado. Assim agir cooperativamente é uma forma de resistência às forças hegemônicas, e busca de outras lógicas e paradigmas de cooperação e de coexistência.

Alguns elementos que são importantes para serem incorporados em práticas de ensino, e também para o desenvolvimento de práticas mais cuidadosas, atentas às complexidades de cada situação, e ao mesmo tempo contribuem para práticas mais efetivas, com formas de contornar e se relacionar com as dificuldades do processo. Elas ampliam o repertório de atuação e apresentam pontos significativos para serem cuidados para atuar de uma forma ética, respeitando e reconhecendo os participantes. O processo participativo pode ocorrer de diferentes formas que implicam diferentes possibilidades de agência dos participantes para tomadas de decisão e influência nas estruturas socioambientais que atuam no contexto de intervenção.

As possibilidades de encontro e compartilhamento das experiências também contribuem para criação de espaços de vinculação e comunhão que também trazem muitos aprendizados. Também nos contaminam e dão esperança de buscar outras formas de habitar e agir no mundo que baseadas na escuta e colaboração, permitindo a coexistência em diversidade.

AGRADECIMENTOS

A realização desse artigo não seria possível sem as trocas parceiras e investimentos. Agradeço às bolsas de doutorado CAPES e Doutorado sanduiche CAPES PrInt, aos orientadores Vera Tângari e Miodrag Mitrasinovic pela inspiração e confiança; e principalmente à generosidade no compartilhamento das experiências de Ana Fisyack, Brian McGrath, Evren Uzer, Gabriela Rendón, Ana Baptista, Mike Harrington, Jeanne Du Pont e Jilly Tragonou.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *Da Violência*. [tradução – André Duarte] Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994

DUNKER, Christian. **A Paixão da Ignorância**. São Paulo: Contracorrente 2020

CAPEL, Horácio. **La morfologia de las ciudades**. Tomo III: Agentes urbanos y mercado inmobiliario Barcelona: Ediciones del Serbal, 2013.

FERNANDEZ, Flora. *Em processo... caminhos de escuta e participação no desenho do espaço livre público*. Tese (Doutorado) Pós-Graduação em Arquitetura na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** - Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Dispositivo de Racialidade**: A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática [tradução Bhuvi Libanio]. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança [tradução Kenia Cardoso]. São Paulo: Elefante, 2021.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.